

O DILÚVIO BABELIZANTE DA CONTEMPORANEIDADE E A EDUCAÇÃO

Maria Luiza Cardinale Baptista: doutora em Ciências da Comunicação, pela Universidade de São Paulo (ECA/USP). Professora do Centro de Ciências da Comunicação, da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS). Diretora da Pazza Comunicazione, Brasil. Av. Cauduro, 42/201, Bom Fim, 90035-110, Porto Alegre/RS, Brasil, (51) 3311.6128 e 9115.9256, malu@pazza.com.br .

Resumo: a sofisticação e a multiplicação de tecnologias de comunicação criou um ambiente mundial caracterizado pelo intenso fluxo informacional e exacerbado potencial de acesso a dados cada vez mais distantes, em menos tempo. Quer dizer, estamos diante de uma espécie de dilúvio tecnológico informacional. Parece importante repensar, no entanto, o que significa isso para a humanidade e, em particular, para a comunidade de pensadores e profissionais de comunicação. Ao mesmo tempo, quando nos aventuramos nessa empreitada, deparamo-nos com outro fator: o caráter babelizante das teorias que se aplicam à Comunicação. São muitos dizeres, muitos saberes, que se entrecruzam, tornando caótico - no sentido do caos primitivo - o cenário teórico dos fenômenos comunicacionais.

Palavras-chave: comunicação, educação, teorias, tecnologias

Abstract: sophistication of technologies as well as their proliferation has created a world environment marked by a strong informational flow and exacerbated potential for access to increasingly remote data within shorter periods of times. That is to say that we are faced with some sort of technological informational Flood. It seems important to rethink, however, what that means to humankind, in particular to the community of thinkers and professionals of communication. At the same time, when we venture in such an endeavor, we are faced with yet another element: the babelizing character of the theories that apply to Communication: lots of forms of saying and knowing, which intermingle, making the theoretical picture of communicational phenomena chaotic in the sense of primitive chaos.

Key Words: communication, education, theories, technologies.

O Dilúvio Babelizante da Contemporaneidade e a Educação

Maria Luiza Cardinale Baptista

O presente texto surge da intenção de aprofundar algumas questões inerentes à contemporaneidade, quanto ao que venho chamando de "trama comunicacional". Trama teórica e trama das mídias. Observo, neste sentido, dois aspectos que me parecem cruciais: o dilúvio teórico-informacional e tecnológico e o caráter babelizante, difundido em vários níveis. A enorme disponibilidade tecnológica e a multiplicidade de 'dizeres' e saberes coloca em questão a finalidade destas existências. Fica, então, ecoando a pergunta: de que forma esse dilúvio babelizante repercute na Educação e que pistas existem para que os processos de ensino-aprendizagem sobrevivam a ele?

Tanto do ponto de vista das teorias quanto das tecnologias da comunicação, então, observa-se uma espécie de derrame contínuo na produção, que estonteia e dificulta o processamento. Ao mesmo tempo, dessa enchente produtiva resulta a diversificação contínua de línguas, numa espécie de desmonte dos códigos de expressão. Neste cenário, a comunicação e a educação representam, assim, grandes desafios. Compartilhar sentidos e reinventar os sentidos do conhecimento, através de processos de ensino-aprendizagem, envolvem práticas que demandam, cada vez mais,

diferenciais afetivos (no sentido do que afeta), ternos (em termos de acolhimento mútuo) e autopoieticos (no que tange à possibilidade de o sujeito inventar a si mesmo no processo).

O que apresento neste texto resulta de uma pesquisa que venho fazendo, na Universidade do Vale do Rio dos Sinos, em São Leopoldo, sul do Brasil, chamada inicialmente de Cartografia de Saberes em Comunicação e, atualmente, Usina de Saberes em Comunicação. Este estudo parte de um levantamento de quatorze anos, na disciplina de Pesquisa em Comunicação, sobre as temáticas mais buscadas pelos pesquisadores iniciantes. Elaborei, então, cinco grandes trilhas bibliográficas – teorias, tecnologias, práticas comunicacionais, produtos e metodologias -, sendo que, na referida pesquisa, estou trabalhando as duas primeiras. O que observo, então, pesquisando, analisando os materiais, é que estamos inundados de 'dizeres teóricos' e 'dispositivos tecnológicos', sem que isso, por si só, signifique muitos avanços. A transformação significativa vai depender dos usos, do processamento, dessas informações.

A remissão aos episódios do dilúvio e da torre de Babel, do Antigo Testamento, está sendo feita no sentido de construir uma reflexão sobre as condições ambientais dessa espécie de "enchente informacional" e os fatores decorrentes, marcados pela semelhança entre os dois episódios e o cenário contemporâneo.

Ousadia, afronta aos deuses e punição, através do acionamento de dispositivos naturais incontroláveis é também um

pouco do que vivemos hoje. Cenas de um tempo em que o ser humano saboreia suas conquistas e construções, afrontando valores básicos de existência humana, cotidiana. Concomitantemente, percebemos claros sinais que demonstram a desumanização da humanidade. O recrudescimento da violência em níveis mundiais, por exemplo, vem demonstrando que, em muitas situações, as singularidades do ser humano desaparecem, dando lugar a ações desumanas. Maturana (1998) afirma que o ser humano existe em função das relações amorosas que estabelece, desde o plano biológico interno até o das relações sociais. Neste sentido, temos assistido a uma série de acontecimentos nos níveis macro, que evidenciam a negação da própria condição de respeito à luta pela sobrevivência da espécie. Presenciamos atentados explícitos contra a vida, de grande vulto, bem como outros sutis, mas também corrosivos da existência. Maltratos cotidianos, que se espalham como as explosões dos atentados em grandes centros urbanos. São as contradições de um tempo em que as condições potenciais de comunicação estão elevadas em patamares sem precedentes, resultando, em alguns casos, em atrofia de fluxos informacionais, talvez até pela entropia dos processos mundializados.

Fica, então, a pergunta: Mas se comunicação é tornar comum, compartilhar, como pode, neste cenário em que temos tantos recursos para o encontro humano, promovermos tantos desencontros e desacertos, desentendimentos afetivos e relacionamentos desfeitos, seja no plano das relações interpessoais ou das relações empresariais, em contextos locais ou nos fluxos do

mercado global? Do ponto de vista da Educação, quais são as pistas para tentar sobreviver às intempéries informacionais, de um momento em que se tem acesso ilimitado a fontes, quando, em tese, mas só em tese, o conhecimento estaria mais acessível? Para não me perder 'nas águas destes pensamentos', opto, estrategicamente, por percorrer três trilhas: o dilúvio, a Babel, a Educação, deixando claro que pretendo percorrê-las como trilhas expressivas, considerando e procurando traçar os seus imbricamentos, suas relações.

O Dilúvio

A terra se corrompera diante de Deus e estava cheia de violência. Deus viu a terra corrompida, porque todo homem da terra tinha se corrompido em seu comportamento [...] Eu vou mandar o dilúvio sobre a terra, para exterminar todo ser vivo que respira debaixo do céu: tudo o que há na terra vai perecer. [...] Durante quarenta dias caiu o dilúvio sobre a terra. As águas subiram e ergueram a arca, que ficou acima da terra. [...] As águas subiam cada vez mais sobre a terra, até cobrirem as montanhas mais altas que há debaixo do céu. A água alcançou a altura de sete metros e meio acima das montanhas. Pereceram todos os seres vivos que se movem sobre a terra; aves, animais domésticos, feras, tudo o que vive sobre a terra e todos os homens. (Gn 5-7, p.19-20)

Revisando as teorias relacionadas à área da Comunicação, de repercussão no Brasil e América Latina, observa-se, até a década de 1980, uma certa estrutura paradigmática, calcada na linearidade, em que as teorias iam-se substituindo gradativamente, opondo-se

em aspectos-chave, passíveis de análise e diferenciações. Resumindo: era mais fácil explicá-las, traçar suas semelhanças e diferenças, talvez mesmo porque trabalhavam com uma concepção estrutural-mecânica-reducionista-cartesiana¹. O modelo comunicacional permanecia, com variações quanto à existência ou não de crítica ou, ainda, uma ênfase ao modelo de produção da Comunicação ou às relações de dominação, partindo de uma lógica geopolítica.

A questão é que depois de 1980 (o que na Europa representa o período Pós-1968), vivemos uma espécie de explosão teórica, um dilúvio de saberes, pensares e dizeres teóricos, que vem estonteando pensadores, cientistas e estudiosos da área. Fica claro que a Comunicação perdeu a perspectiva de mecanismo explicável a partir da subdivisão das partes, como algo repetitivo, controlável, passando a constituir-se, claramente, como fenômeno complexo, passível de ser explicado de muitas maneiras. São muitas as possibilidades explicativas dos fenômenos comunicacionais. Há, então, um dilúvio de teorias, que se entrelaçam, que se misturam, como águas revoltas, que às vezes se rejeitam parcialmente, que fazem ondas, que se juntam em outros momentos, se amontoam, redundam... águas de diferentes tons que, por fim, tornam, também, difíceis as escolhas, a seleção de referenciais. Giram, assim,

¹ Refiro-me, aqui, em termos gerais da Ciência, às concepções apresentadas por Capra (1991), Sousa Santos (1988), Medina (1990,1991) e Medina;Greco (1994). Quanto às teorias da Comunicação, baseio-me em Barbero (1987), Sousa (1995), Mattelart (1999), Bougnoux (1994), Hohlfeldt (2002) e Gomes (1997).

pesquisadores, tentando explicar e dar conta do que, a cada dia, mostra-se mais complexo e intrincado: o processo comunicacional.

Nos comentários da Bíblia, é salientado que o dilúvio é o retorno ao caos primitivo, que ocorreu como consequência da afronta do homem em relação a Deus, manifestada pela auto-suficiência e pretensão exacerbadas. O saber iluminista, o saber alardeado, também na Comunicação, acabou provocando um estonteamento em termos de não mais pisarmos em terra firme, do ponto de vista do referencial teórico. Diferente disso, vivemos sob as águas de um dilúvio, que dura bem mais de 40 dias e 40 noites. O que é interessante notar é que passamos da lógica linear paradigmática para o que eu venho chamando de trama-teia comunicacional. Quer dizer, ao mesmo tempo em que se compreende comunicação como sistema complexo², no qual intervém múltiplos fatores, o próprio sistema de discursos explicativos da área também se configura como rede – trama-teia de saberes.

A Babel Contemporânea

² O conceito de comunicação com o qual trabalho é o seguinte: Comunicação é a interação de sujeitos, através do fluxo e informações entre eles, numa espécie de trama-teia complexa, composta tanto de elementos visíveis quanto invisíveis, corporais e incorporais, significantes e asignificantes, podendo ser ou não mediada por dispositivos tecnológicos, na constituição de algo como um campo de força de encontro de energias, decorrente dos universos de referência de cada sujeito envolvido. (BAPTISTA, 2002)

O mundo inteiro falava a mesma língua, com as mesmas palavras. Ao emigrar do oriente, os homens encontraram uma planície no país de Senaar, e aí se estabeleceram. E disseram uns aos outros: 'Vamos fazer tijolos e cozê-los no fogo!'. [...] Disseram: 'Vamos construir uma cidade e uma torre que chegue até o céu, para ficarmos famosos e não nos dispersarmos pela superfície da terra'.

Então Javé desceu para ver a cidade e a torre que os homens estavam construindo. E Javé disse: 'Eles são um povo só e falam uma só língua. Isso é apenas o começo de seus empreendimentos. [...] Vamos descer e confundir a língua deles, para que um não entenda a língua do outro.' (Gn-11, p.23)

A Babel contemporânea não é uma cidade construída de tijolos empilhados, que, um após outro, representam o sonho humano de chegar ao céu. A Babel dos nossos dias tem como traço a virtualização e o fluxo incessante de informação, em cenários que se interconectam o tempo todo, tentando vencer o tempo e o espaço. Megalópole virtual, onde tudo se encontra, se conecta, que tudo possibilita...informações sobre todos os tipos, encontros diversos, românticos, profissionais, compras, conquistas, atualizações. Os outros meios, as outras mídias que, antigamente, possibilitavam encontros e acessos múltiplos perdem o poder de sedução – ao menos parcialmente – diante de um dispositivo que tudo promete. Entrelaçam-se numa trama de mídias sem precedentes, que se reinventa dia após dia, sofisticando-se, potencializando-se e, ao mesmo tempo, tendo que se adaptar à grande Babel contemporânea, onde todos falam, todos se encontram.

Acionamento do desejo máximo, a Internet é hoje a nossa Torre da Informação. Pretensiosa. Arrogante. Ela põe o sujeito a navegar em busca da busca, meio sem destino certo, ao sabor das próprias águas (textos em suas diversas formas, não só verbal) que se lhe oferecem. Há tudo na Internet e não há nada. Você pode encontrar tudo e todos, mas os encontros, verdadeiros, tornam-se cada vez mais escassos. Não falo só de encontros extra-internet, numa suposta realidade real, fora da realidade virtual. Falo de encontros intensidades, em que as relações façam sentido, em que as significações possam fluir no curso de água (metáfora dos sentimentos), - que molda e transforma o sujeito e os lugares com os quais este entra em contato.

Quando se estuda a história do desenvolvimento das tecnologias da comunicação, também se percebe a marca da linearidade. As tecnologias foram se sucedendo, predominando seqüencialmente e, com o tempo, foram se mesclando, até constituir a trama de mídias que conhecemos hoje (DEBRAY, 1991, 1993; GIOVANNINI, 1987; LIMA, 1989 ; DINNES, 1986; LEVY, 1993, 1999; KERKHOVE 1995, 1997).

Diferente do que pode parecer, não tenho uma visão ingênua, nem tampouco pessimista em relação à Internet ou à trama de mídias contemporâneas. Tenho preocupações, é verdade. Sugiro reflexões, isto sim, até porque defendo como grande tecnologia da comunicação a tecnologia do afeto, das intensidades afetivas que podem, estas sim, colocar sujeitos em contato e fazer

de matérias de expressão campos significacionais, fontes de sentido para os sujeitos envolvidos na comunicação.

Nos comentários sobre Babel, presentes na Bíblia, é ressaltada outra explicação para a diversidade de povos e línguas:

[...] é um castigo contra a pretensão coletiva que, como a dos antepassados, é uma falta provocada pelo orgulho. Babel lembra certamente Babilônia (Senaar), a civilização que se tornou o modelo das grandes potências. Babel se apresenta como símbolo da cidade deformada pela auto-suficiência, que produz uma estrutura injusta, exploradora e opressora (Gn 11, p.23).

Fico, então, pensando, na ousadia do ser humano, que construiu grandes templos do saber, grandes redes de informação e, tantas vezes, sente dificuldade de comunicar-se, de compartilhar saberes. Ao mesmo tempo, como educadora, estas reflexões me remetem a pensar nos desafios cotidianos do envolvimento com os alunos, com a tentativa de produzir processos de ensino-aprendizagem que façam sentido nas vidas dos sujeitos com os quais nos relacionamos.

A Educação diante do Dilúvio Babelizante

Um primeiro aspecto crucial diante das questões que aponto é repensar a própria noção de Educação na

contemporaneidade e a contribuição da comunicação, nestes moldes diluvianos babelizantes, a que venho me referindo. Assim, parto da compreensão de que a Educação é algo resultante de processos complexos de interação, em que os fluxos informacionais vão compondo nossos universos de referências, a partir dos sujeitos envolvidos. Não se trata, portanto, de transmissão de conhecimento, mas de um processo de transmutação de saberes, ao mesmo tempo em que são transmutados, reinventados, todos os sujeitos, ensinantes e aprendentes, sem que haja uma hierarquia preestabelecida. Assim, a Educação vai fazendo sentido, à medida que transforma os seres, ressignifica-os, agregando informações, que possam afetá-los em suas necessidades de saber. Não bastam, então, definições a priori, do que vai ser apreendido.

É preciso, então, que os sujeitos possam se conhecer e desencadear processos de conhecimento mútuo, conjuntos. Eu costumo dizer para meus alunos algumas frases que sintetizam meu pensamento sobre a Educação e o Conhecimento. Uma delas é: "Educação não existe pra gente sofrer, só pra gente ser feliz"; e a outra é "Vale o conhecimento que corre nas nossas veias". No primeiro caso, o que está em jogo é a proposta de desapego da idéia de Educação como tribunal de julgamento de saberes, sobre quem sabe e quem não sabe, sobre que teorias são certas e quais são erradas. Neste dilúvio, precisamos fazer escolhas e estas escolhas, não são aleatórias, precisam ser orientadas também pelos nossos próprios desejos e necessidades, pelas nossas lógicas, pelos nossos saberes inerentes. A lógica, então, não pode ser a do

sofrimento, da punição, mas tem que ser a do gozo, da vibração pelo processo em si, pelos encontros tantos que se produzem ao conhecer, no vislumbre de novos horizontes, de novos saberes, de novos universos referenciais. Só que isto se opõe ao que se tem constituído a Educação, durante os últimos tempos.

A Educação, nos últimos tempos, representou a coroação de um processo de institucionalização do conhecimento, em jogos de hierarquização e constituição de lócus de poder. Assim, o que se deve aprender, onde, com quem, transformou-se em normas impressas em editais, validadas em rituais acadêmicos. A Educação esterilizou-se, na instituição, pelas lógicas de poder, como lócus social, e poder econômico, nas escolas-referência, construídas segundo a lógica do Capitalismo Mundial Integrado. Os índices que validam o processo distanciaram-se do ser humano e da felicidade do conhecimento que transforma a vida e passaram a pautar-se por outras lógicas. Globalização e mercadologização dos processos de ensino-aprendizagem... sofisticação dos dispositivos, altos investimentos em tecnologias, dilúvio tecnológico... aridez de humanização e afeto.

Em tempos de Dilúvio de saberes e da Babel de Tecnologias de Comunicação e de Educação, vale o conhecimento que corre nas nossas veias. Isto nos remete à metáfora do oxigênio, que leva energia a cada uma das nossas células e permite que nós possamos nos reinventar, refazer nossas forças para viver melhor. Assim, refiro-me, aqui, a uma outra frase cotidiana, empregada no

encontro com meus alunos, na Universidade, e amigos, na empresa que dirijo, a Pazza Comunicazione. Na contemporaneidade, a questão não é mais a quantidade de informações, mas a qualidade do processamento. Esta qualidade passa, para mim, por alguns diferenciais importantes. Um deles é a compreensão da dimensão emocional dos fluxos informacionais.

Nesse sentido, remeto-me a um pensador chileno contemporâneo, Humberto Maturana (1996, 1997,1998), cujos conceitos relativos à Educação e à ética têm me orientado. Segundo este autor, a dicotomia entre emoção e razão não tem sentido. Ele define as emoções como disposições corporais dinâmicas, a partir das quais toda e qualquer ação humana é empreendida. Não se trata, então, de algo que descontrola o ser humano, mas de algo que funda o ser humano, em sua existência. Sobre a educação, este biólogo chileno - criador da teoria da Biologia do Conhecimento ou Biologia Amorosa – afirma que se trata da transformação na convivência.

O educar se constitui no processo em que a criança ou o adulto convive com o outro e, ao conviver com o outro, se transforma espontaneamente, de maneira que seu modo de viver se faz progressivamente mais congruente com o do outro no espaço de convivência. O educar ocorre, portanto, todo o tempo e de maneira recíproca. [...] A educação como `sistema educacional` configura um mundo, e os educandos confirmam em seu viver o mundo que viveram em sua educação. Os educadores, por sua vez, confirmam o mundo que viveram ao serem educados no educar.(MATURANA, 1998, p.29)

Vislumbres

Dos dois episódios do Antigo Testamento, podemos resgatar suas dimensões catastróficas, mas, o que mais me interessa é que também há a possibilidade de produzir aprendizado a partir destes acontecimentos, vislumbrando devires. Repensar, aprender e vislumbrar novas perspectivas. Então, em termos da Educomunicação, percebo a possibilidade de desencadear processos que possam, por sua vez, contribuir para relações de ensino-aprendizagem mais coerentes com nossas necessidades. É o que apresento agora.

Um primeiro vislumbre é a necessidade de revalorização da dimensão afetiva, terna, emocional nos processos educacionais, a que já me referi anteriormente. Como afirma Restrepo (1998), resgatando o termo *splacnisomai*, é preciso sentir com as tripas. Comunicação e Educação não se desenvolvem em processos mornos, sem intensidade; ao contrário, estes processos, para serem desencadeados, precisam do acionamento inteiro dos sujeitos envolvidos. Isto significa o desenvolvimento de atividades que mobilizem não só a consciência, a racionalidade, mas também dimensões de sentimentos, sensações e de corporalidade. O sujeito³ aprende como quem vive, sendo inteiro, todo.

³ A noção de sujeito utilizada aqui se fundamenta em Guattari (1981, 1987, 1988, 1992, 1995); Guattari; Rolnik (1986) e Rolnik (1992, 1993).

Outra premissa fundamental é a mudança da idéia de transmissão de conhecimento para a lógica de enação (VARELA, 1996; FERREIRA, 1998) que implica em 'fazer surgir', reinventar o próprio universo de referência, não se limitando à 're-representação', mas construindo novos mundos de saberes, a partir de combinação dos já existentes com as lógicas dos sujeitos do processo. As atividades, neste sentido, precisam pautar-se pelo acionamento de processos grupais e singularizadores, valorizando as diferenças e buscando uma interação entre educadores e educandos, de tal forma a conseguir a valorização dos saberes de todos. É preciso, então, compreender que todos ensinam e aprendem e o resultado vai ser o que se conseguir inventar no processo de interações grupais, na relação de ensino-aprendizagem. Embarcar na viagem do conhecimento precisa ser, assim, criar jogos de cumplicidade e desafios mútuos, para que todos inventem formas novas e saberes, coerentes com seus desejos e necessidades.

Acionar a lógica da enação não é possível, se os sujeitos não se derem conta das suas próprias questões e demandas. O processo de Educação, então, só pode ocorrer, marcado por características autopoieticas, de autoprodução. Quer dizer, não se pode aprender ou ensinar conhecimentos que não digam respeito a nós mesmos, que não se conectem com a nossa própria existência. O saber, mais do que ser desejado, precisa fazer sentido. Precisa mobilizar visceralmente o sujeito, fazendo-se transformar. É preciso que o sujeito vibre com a transmutação e sinta-a nos poros. Assim, a Educomunicação pode reinventar o sujeito, que reinventa a

Educomunicação. Estes são apenas alguns dos vislumbres que têm me orientado, ajudando-me a reinventar o próprio processo de Educomunicação, em parceria com meus alunos, no dia-a-dia de nossas relações, que se constituem, a propósito, um dos meus sustentos existenciais.

1. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

BAPTISTA, Maria Luiza Cardinale. A Busca do Sujeito-Sujeito. São Paulo, ECA/USP, 1991. xerox. **Logos**, Ano 5, n. 2, 1993.

_____. A Interação Subjetiva com o Receptor. **Logos**. Ano 7, n.1, 1995/1.

_____. A Recepção, o Visual e o Sujeito. **Caesura**, Canoas: n.8, jan/jun 1996, p. 3-9.

_____. **Comunicação. Trama de Desejos e Espelhos**. Canoas: ULBRA, 1996.

BARBERO, Jesus Martin. **De Los Medios a las Mediaciones**. Comunicación, Cultura y Hegemonia. Barcelona: Gustavo Gili, 1987.

_____. Panorama Bibliográfico de la Investigación Latinoamericana en Comunicación: 1985-89, **TELOS**, 19.

_____. **O Sujeito da Escrita e a Trama Comunicacional**. Um estudo sobre o processo de escrita do jovem adulto, como expressão da trama comunicacional e da subjetividade contemporâneas. Tese de doutorado em Comunicação. Universidade de São Paulo (USP). São Paulo, abril de 2000.

BIBLIA SAGRADA. Edição pastoral. 22 ed. São Paulo: Paulus, 1997.

BOUGNOUX, Daniel. **Introdução às Ciências da Informação e da Comunicação**. Petrópolis: Vozes, 1994.

CAPRA, Fritjof. **O Ponto de Mutação**. A Ciência, a Sociedade e a Cultura Emergente. 12 ed. São Paulo: Cultrix, 1991.

DEBRAY, Régis. **Curso de Midiologia Geral**. Petrópolis: Vozes, 1991.

_____. **Vida e Morte da Imagem**. Uma História do Olhar no Ocidente. Petrópolis: Vozes, 1993.

DINES, Alberto. **O Papel do Jornal**: Uma releitura. 5 ed. São Paulo: Summus, 1986.

GIOVANNI, Giovannini. **Evolução na Comunicação**: Do Sílex ao Silício. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1987.

GOMES, Pedro Gilberto. **Tópicos da Teoria da Comunicação**. São Leopoldo: UNISINOS, 1997.

GUATTARI, Félix. . **As Três Ecologias**. 3 ed, Campinas: Papyrus 1981.

_____. **Revolução Molecular**. Pulsações Políticas do Desejo. 3 ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.

_____. **O Inconsciente Maquínico**. Campinas: Papyrus, 1988.

_____. Linguagem, Consciência e Sociedade. In LANCETTI, Antonio. **SaúdeLoucura**, número 2, 3 ed. São Paulo: Hucitec, 1990.

_____. **.Caosmose**. Um Novo Paradigma Ético-Estético. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.

_____. **Mil Platôs**. Capitalismo e Esquizofrenia. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995.

_____; DELEUZE, Gilles. **O que é a Filosofia?** . Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.

_____; ROLNIK, Suely. **Cartografias do Desejo**. 2 ed, Petrópolis: Vozes, 1986.

HECKER FERREIRA, Lígia. **O Mal-Estar na Escola**. Uma Pragmática Ético-Estética. Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica, PUCSP, São Paulo: 1998.

HOHLFELDT, Antônio; MARTINO, Luiz C., FRANÇA, Vera Veiga. **Teorias da Comunicação**. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

KERCKHOVE, Derrick. **La Civilizzazione Video-Cristiana**. Milano: Giangiacomo Feltrinelli Editore, 1995.

_____. **A Pele da Cultura**. Uma investigação sobre a nova realidade electrónica. Lisboa: Relógio D'água, 1997.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.

_____. **As Tecnologias da Inteligência**. O futuro do pensamento na era da informática. Rio de Janeiro: ed. 34, 1993.

LIMA, Sandra Lúcia Lopes. **História e Comunicação**. São Paulo: EBART, 1989.

MARCONDES FILHO, Ciro.(coord.) **Pensar-Pulsar**. Cultura Comunicacional, Tecnologias, Velocidade. São Paulo: Edições NTC, 1996.

MATTELART, Armand y Michèle. **Histórias da Teoria da Comunicação**. São Paulo: Loyola, 1999.

MATURANA, Humberto. **Emoções e Linguagem na Educação e na Política**. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

_____. **El Sentido de lo Humano**. Santiago: Dolmen Ensayo,1997.

_____; VARELA, Francisco. **De máquinas e Seres Vivos: Autopoiese – a Organização dos Seres Vivos**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

_____; VARELLA, Francisco. **El Árbol del Conocimiento**. Santiago: Editorial Universitaria, 1998.

_____; BLOCH, Susana. **Biología Del Emocionar y Alba Emoting: Respiración y emoción**. Santiago: Dolmen Ensayo, 1996.

MEDINA, Cremilda. **Entrevista**. O Diálogo Possível. São Paulo: Ática, 1986.

_____(org.). **Novo Pacto da Ciência**. A Crise dos Paradigmas - I Seminário Transdisciplinar. São Paulo: ECA/USP, 1990-1991.

_____. O Signo em Processo. XVII Congresso Brasileiro de Pesquisadores em Comunicação, setembro de 1994. (Fotocópia)

_____ e GREGO, Milton (orgs.). **Novo Pacto da Ciência 3. Saber Plural**. O Discurso Fragmentalista da Ciência e a Crise de Paradigmas. São Paulo: ECA/USP/CNPq, 1994.

POSTMAN, Neil. **Tecnopólio**. A Rendição da Cultura à Tecnologia. São Paulo, Nobel, 1994.

RESTREPO, Luís Carlos. **O Direito à Ternura**. Rio de Janeiro: Vozes, 1998.

ROLNIK, Suely. **Cartografia Sentimental**. São Paulo: Liberdade, 1989.

_____. **Memorial**. Concurso para ascensão na Carreira para Professor Titular. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 1993.

_____ Subjetividade e História. Mesa Redonda no Curso de Psicanálise, Instituto Sedes Sapientiae, setembro de 1992 (xerox).

_____. **Cidadania e Alteridade**. Mesa Redonda no IV Encontro Regional de Psicologia Social da ABRAPSO, 30 de maio de 1992. (xerox).

_____. **A Morte de Guattari**. Rio de Janeiro, Homenagem a Guattari, Colégio Filosófico Internacional de Estudos Interdisciplinares, 8 de outubro de 1992, xerox.

SOUSA SANTOS, Boaventura. **Um discurso sobre as ciências**. 2 ed. Porto: Afrontamento, 1988.

SOUZA, Mauro Wilton de (Org.). **Sujeito, o Lado Oculto do Receptor**. São Paulo: Brasiliense, 1995.

VARELA, Francisco. **Ética e Accion**. Santiago: Dólmén Ensayo, 1996.

_____; THOMPSON, Evan; ROSCH, Eleanor. **De Cuerpo Presente**. Las Ciencias Cognitivas y la Experiencia Humana. Barcelona: Gedisa, 1992.